RESUMO EXPANDIDO
Anais do Congresso Interdisciplinar Internacional – CONIÚNICA
08 a 11 de setembro. Híbrido, Ipatinga – MG
doi.org/10.53426/con.v5i0.005

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

ENTRE ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: OS SABERES DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE CARDOSO COMO RUPTURA CURRICULAR E HORIZONTE DO BEM VIVER.

BETWEEN ANCESTRALITY AND RESISTANCE: THE KNOWLEDGE OF QUILOMBOLA WOMEN FROM CARDOSO AS A CURRICULAR RUPTURE AND HORIZON OF BUEN VIVIR.

ENTRE ANCESTRALIDAD Y RESISTENCIA: LOS SABERES DE LAS MUJERES QUILOMBOLAS DE CARDOSO COMO RUPTURA CURRICULAR Y HORIZONTE DEL BUEN VIVIR.

doi.org/10.53426/con.v5i0.005

Bianca Moreira de Sousa[1]

[1] Universidade Federal do Pará – UFPA, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA. Bragança,

Pará. E-mail: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.**

Grupo de Trabalho: GT 5 – Ciências Humanas, Sociedade, Diversidade e Cultura

RESUMO

O presente trabalho analisa os saberes das mulheres quilombolas da comunidade de Cardoso, em Baião, Pará, tomando o uso de plantas medicinais como eixo para pensar um currículo territorializado, intercultural e decolonial na Educação de Jovens e Adultos do Campo (EJA Campo). A reflexão foi construída a partir de observações realizadas no território e na prática pedagógica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, entre 2024 e 2025, nos dois tempos formativos da modalidade: Tempo Escola e Tempo Comunidade, envolvendo uma turma de 15 estudantes. As observações evidenciaram conhecimentos sobre plantas medicinais, cultivo e práticas agroecológicas, presentes na horta comunitária, nos pimentais, quintais agroflorestais e roças. Também apareceram questões relacionadas à educação ambiental, às mudanças climáticas, à saúde coletiva e ao cuidado com o ambiente. O diálogo com Bruno Malheiro(2024), Bruno Maia(2020), Catherine Walsh(2019) e Ailton Krenak(2019), possibilitou interpretar esses saberes a partir da ancestralidade, território, colonialidade, resistência e Bem Viver. Os resultados indicam que os conhecimentos sobre plantas medicinais não se restringem às práticas de cura, articulando memória, identidade, cuidado, território e formas coletivas de existência. As práticas agroecológicas também constituem possibilidades de diálogo entre conhecimentos comunitários e escolares, favorecendo a interdisciplinaridade nas Ciências da Natureza. Conclui-se que reconhecer esses saberes no currículo desloca o centro da produção do conhecimento, valoriza os sujeitos quilombolas como produtores de saberes e fortalece uma educação comprometida com o território, a ancestralidade, a vida e o Bem Viver.

Palavras-chave: currículo decolonial; mulheres quilombolas; plantas medicinais; agroecologia; EJA Campo.

INTRODUÇÃO

Pensar o currículo a partir dos saberes das mulheres quilombolas de Cardoso sobre plantas medicinais significa questionar a lógica que historicamente define quais conhecimentos podem

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

ocupar legitimamente a escola. Os territórios quilombolas são espaços produtores de conhecimentos, memórias, identidades e modos próprios de compreender e cuidar da vida. Assim, o currículo pode ser compreendido como território de disputas e de encontro entre diferentes conhecimentos e experiências.

O trabalho parte da experiência na EJA Campo, na comunidade quilombola de Cardoso, tendo como objeto os saberes sobre plantas medicinais e sua articulação com Ciências da Natureza e suas Tecnologias. A delimitação considera observações de 2024 e 2025, nos tempos Escola e Comunidade, com uma turma de 15 estudantes. Esses conhecimentos permanecem vivos, circulam entre gerações e aparecem nas práticas de cultivo, nas conversas e nas experiências familiares. A horta comunitária, os pimentais, os quintais agroflorestais e as roças mostram que a relação com a terra também participa dos processos formativos.

A questão orientadora é: de que maneira os saberes das mulheres quilombolas sobre plantas medicinais e as práticas agroecológicas presentes no território podem contribuir para um currículo da EJA Campo que valorize ancestralidade, identidade quilombola e outras formas de produzir conhecimento? O objetivo é analisar as possibilidades de articulação entre saberes ancestrais, práticas agroecológicas e currículo, tomando as plantas medicinais como tema gerador.

A discussão ganha relevância diante da histórica valorização dos conhecimentos científicos ocidentais em detrimento de saberes quilombolas e de outros povos e comunidades. Malheiro(2024), Maia(2020), Walsh(2019) e Krenak(2019), contribuem para pensar ancestralidade, Bem Viver, fissuras na colonialidade do conhecimento e relações entre humanidade e natureza. A proposta é discutir como esses saberes podem produzir deslocamentos no currículo da EJA Campo.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como reflexão qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, construída a partir das observações registradas em diário de campo, acompanhamento do território de Cardoso e análise da prática pedagógica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. A experiência ocorreu entre 2024 e 2025, considerando Tempo Escola e Tempo Comunidade, e envolveu 15 estudantes da EJA Campo.

No Tempo Escola foram observados diálogo, escuta, problematização e atividades pedagógicas; no Tempo Comunidade, a relação dos estudantes com a horta comunitária, pimentais, quintais agroflorestais, roças e demais práticas de cuidado. Também foram consideradas manifestações sobre plantas medicinais e preparados tradicionais. A análise interpretou situações, falas e experiências em diálogo com Malheiro(2024), Maia(2020), Walsh(2019) e Krenak(2019), tomando como categorias ancestralidade, território, colonialidade, resistência, agroecologia e Bem Viver.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações permitiram identificar conhecimentos significativos sobre plantas medicinais e formas comunitárias de autocuidado. O uso dessas plantas permanece presente no cotidiano e articula experiência, memória, oralidade e transmissão entre gerações. Por isso, o tema ultrapassa uma abordagem exclusivamente biológica ou utilitarista: as plantas estão relacionadas ao cuidado, à alimentação, à saúde, à memória e à existência da comunidade.

A horta comunitária, os pimentais, quintais agroflorestais e roças revelam o território como espaço de aprendizagem. Plantar, cultivar, cuidar, colher e compartilhar expressam relações de pertencimento, segurança alimentar e resistência. Questões de educação ambiental, mudanças

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

climáticas, saúde coletiva e preservação aparecem vinculadas às práticas concretas da comunidade, permitindo que a escola problematize conteúdos científicos a partir de situações vivenciadas pelos estudantes.

Em diálogo com Bruno Malheiro(2024), as Amazônias podem ser compreendidas como territórios de memória, ancestralidade e produção de outros modos de existência. Nessa experiência, o cuidado com a terra aparece ligado à vida no território. A atuação das mulheres é central, pois os conhecimentos sobre plantas medicinais historicamente estiveram associados às práticas femininas de cuidado e cura, muitas vezes invisibilizadas ou desvalorizadas.

Reconhecer esses conhecimentos no currículo significa reconhecer as mulheres quilombolas como produtoras de conhecimento, e não apenas como fontes de exemplos para conteúdos científicos. A perspectiva de Catherine Walsh(2019), especialmente a ideia de “agrietar” as estruturas coloniais, permite compreender essas experiências como fissuras curriculares: o saber comunitário deixa de ocupar posição secundária e passa a constituir ponto de partida para o diálogo pedagógico.

A articulação entre Tempo Escola e Tempo Comunidade reforça essa ruptura. Na escola, os conhecimentos podem ser problematizados e sistematizados em diálogo com a ciência; no território, retornam às práticas e podem ser ressignificados. O diálogo com Krenak(2019), também amplia a compreensão ao questionar a separação entre humanidade e natureza. Terra, plantas, pessoas, alimentação e saúde aparecem interligadas, favorecendo uma abordagem interdisciplinar.

O tema gerador “os saberes das mulheres quilombolas de Cardoso sobre o uso de plantas medicinais” possibilita articular Biologia, Química, Ciências Ambientais, Saúde Coletiva, História, Cultura, Linguagem e conhecimentos tradicionais. O Bem Viver, em Bruno Maia(2020), amplia esse horizonte ao valorizar coletividade, reciprocidade, equilíbrio e cuidado. Assim, o currículo pode ser construído com os sujeitos quilombolas e a partir do território. Como afirma Sassaki (2007, p. 20), o lema “nada sobre nós, sem nós” reforça esse protagonismo..

Os resultados apontam, portanto, que esses saberes constituem formas de resistência à colonialidade curricular. Ao entrarem no espaço escolar, provocam deslocamentos, valorizam a memória ancestral, fortalecem a identidade quilombola e criam outras possibilidades de ensinar Ciências da Natureza. O território deixa de ser apenas localização geográfica e passa a ser espaço educativo, político, cultural, social e epistemológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão permitiu compreender que os saberes das mulheres quilombolas de Cardoso sobre plantas medicinais constituem possibilidades concretas para um currículo territorializado, intercultural e decolonial na EJA Campo. As observações de 2024 e 2025, nos tempos Escola e Comunidade, demonstraram sua presença na vida dos estudantes e sua articulação com práticas agroecológicas, saúde, memória e cuidado.

O estudo tem como limite a experiência localizada em uma turma da EJA Campo de 15 estudantes e em um território específico, sem pretensão de generalização. Essa particularidade também possibilitou compreender a riqueza de uma experiência concreta. Faz-se necessário ampliar a participação da comunidade e sistematizar experiências que articulem Ciências da Natureza, agroecologia, saúde coletiva, mudanças climáticas e conhecimentos ancestrais.

Construir um currículo a partir dos saberes das mulheres quilombolas significa produzir fissuras nas estruturas coloniais que definiram quais conhecimentos são legítimos. Significa reconhecer que a escola também aprende com o território e que os sujeitos quilombolas são produtores

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

de conhecimentos, memórias e possibilidades de futuro. Nesse sentido, ancestralidade, agroecologia e Bem Viver constituem horizontes de resistência e defesa da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos estudantes da EJA Campo e à comunidade quilombola de Cardoso, cujas experiências, conhecimentos e práticas cotidianas contribuíram para esta reflexão, bem como às instituições e sujeitos que fortalecem a Educação do Campo e a Educação Escolar Quilombola.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAIA, Bruno (org.). **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Texto elaborado a partir de live e conversas de preparação com Ailton Krenak, 17 jun. 2020. Biodiversidadla. Acesso em: 17 ago. 2024.

MALHEIRO, Bruno. As Amazônias no centro do mundo: do colapso climático à memória ancestral. In: TRANSICIONES JUSTAS: uma agenda de câmbios para América Latina y el Caribe. CLACSO, 2024.

SANTOS, Núbia Cristina Geraldo dos et al. Estufa escolar como laboratório vivo: estratégia para sensibilização e práticas sustentáveis. **Revista de Geopolítica**, v. 16, n. 4, e735, 2025. DOI: 10.56238/revgeov16n4-090.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nada sobre nós, sem nós: da integração à inclusão – Parte 2**. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 58, set./out. 2007, p. 20-30.

SOUSA, Davi Sousa de; LIMA, Lieide Vidal de; FONSECA, Ronald Assis; RAFAEL, Clélio Rodrigo Paiva; REX, Franciel. Educação ambiental na aldeia indígena Ka'apor (Zé Gurupi): sensibilização e práticas sustentáveis. **JANUS.NET, e-journal of International Relations**, v. 17, n. 1, dossiê temático 2, 2026. DOI: 10.26619/1647-7251.DT0526.9.

WALSH, Catherine. **Educación superior y conocimiento en América Latina: justicia epistémica, descolonización y las potencialidades de la educación intercultural**. 2019.